ISSN: 2358-8829

O ENSINO DE EJA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE

José Carlos Pereira[1]
Profa. Dra. Maria José Guerra[2]

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se no cenário brasileiro não apenas como uma modalidade de ensino regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), mas como uma reparação de direitos para sujeitos cujas trajetórias foram marcadas pela exclusão escolar e pela urgência do trabalho. Ancorada no referencial teórico de Paulo Freire, especificamente nas categorias de dialogicidade, humanização e autonomia, a prática educativa na EJA pressupõe que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. O trabalho investiga a relação pedagógica e as mediações metodológicas desenvolvidas no segundo ciclo da EJA na Escola Municipal de Ensino Fundamental Amaro da Costa Barros, localizada no bairro Santa Rosa, em Campina Grande, Paraíba.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como o ambiente escolar atua para além da alfabetização formal em territórios de vulnerabilidade social, nos quais o público atendido abrange desde jovens até idosos com mais de setenta anos e estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo do estudo, conduzido pelo discente José Carlos Pereira, consiste em analisar como o fazer docente articula os saberes de experiência dos educandos com as orientações do Material de Apoio Pedagógico (MAP) da Secretaria Municipal de Educação (SEDUC), promovendo a permanência e a autonomia dos estudantes.

Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa exploratória, cujos dados foram coletados em fevereiro de 2026 por meio de um questionário estruturado aplicado pelo pesquisador à docente titular da turma, profissional com trinta e quatro anos de experiência no magistério público municipal. Os resultados e discussões apontam que a escola atua como um espaço terapêutico e de resistência ontológica, no qual a fadiga do

[1] Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba.
[2] Docente da Universidade Estadual da Paraíba.

ISSN: 2358-8829

trabalho braçal é superada pela construção do pertencimento e da autoestima. Constata-se que a alfabetização de adultos e idosos ganha sentido pleno quando integra a ética do cuidado às vivências dos sujeitos, reafirmando a dimensão emancipatória da educação pública municipal.

METODOLOGIA

Para a consecução deste estudo, a estrutura metodológica ancora-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa de cunho exploratório, compreendendo que a realidade educacional não é um dado estático, mas um processo em constante construção dialética. Conforme nos ensina Freire em Pedagogia da Esperança (1992), a investigação do universo vocabular e das condições existenciais dos sujeitos é o passo inicial para qualquer ação pedagógica que se pretenda autêntica.

Dessa forma, o percurso investigativo foi delineado em três momentos fundamentais, ocorridos no contexto do componente curricular Ensino de EJA I:

A pesquisa teve como palco a EMEF Amaro da Costa Barros, situada no bairro Santa Rosa, em Campina Grande - PB. A escolha do turno noturno para a coleta de dados não foi meramente administrativa, mas uma imersão na temporalidade própria da Educação de Jovens e Adultos (EJA). No dia 27 de fevereiro de 2026, a aproximação com o campo deu-se de forma horizontal. Na ausência da gestão escolar no momento da visita, o diálogo estabeleceu-se diretamente com a titular da sala, a professora Zine.

Esta etapa inicial reflete o que denominamos de entrada no campo sob a ótica da amorosidade freiriana. Fomos acolhidos em uma conversa descrita como saudável e amigável, o que permitiu que o instrumento de pesquisa não fosse visto como uma fiscalização externa, mas como um convite à reflexão sobre a própria práxis.

O instrumento utilizado foi um questionário estruturado em duas dimensões complementares:

1. Dados Pessoais e Trajetória Profissional: Buscou-se compreender a identidade de quem educa, reconhecendo que a biografia do professor influencia diretamente sua postura em sala.
2. Aspectos da Prática Docente na EJA: Foco nas estratégias metodológicas, na relação professor-aluno e nos desafios impostos pela realidade socioeconômica de Campina Grande.

ISSN: 2358-8829

A entrega do material foi acompanhada por um breve contato com a turma de 2º Ciclo. Esse momento foi essencial para observar a materialidade dos sujeitos descritos: trabalhadores, idosos e jovens com necessidades específicas (TEA) que, após um dia de lida, ocupavam os bancos escolares em busca de autonomia.

A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo, mas sob o crivo da crítica reflexiva. Não nos limitamos a transcrever as respostas; buscamos as entrelinhas do relato da docente. Quando a professora utiliza o termo azougue para se referir ao ímã de dificuldades que tenta afastar o aluno da escola, ou quando descreve a escola como um lugar terapêutico, o pesquisador é instigado a pensar: quais são as estruturas opressoras que fazem do ato de aprender uma terapia de resistência?

A sistematização dos resultados, apresentada anteriormente, cruzou as falas da entrevistada com os dados do Censo Escolar 2025 e do SAEB, permitindo uma triangulação entre a micro-realidade da sala de aula e a macro-política educacional brasileira.

A investigação da temática educativa ou da temática comum de uma época [...] não pode ser feita como se fosse algo puramente intelectual. (FREIRE, 1967).

Seguindo esse preceito, esta metodologia não buscou apenas coletar dados, mas sim compreender como a esperança se manifesta na prática cotidiana de uma escola pública municipal.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um campo legítimo de luta pelo direito à dignidade humana exige, de antemônio, a recusa de qualquer perspectiva puramente tecnicista, redutora ou assistencialista. Historicamente tratada como um favor ou como um ensino menor destinado aos marginalizados do sistema formal de escolarização, a EJA precisa ser resgatada sob a ótica da educação emancipatória. Nesse percurso reflexivo, a obra de Paulo Freire (1967, 1992, 2001, 2002) constitui o alicerce indispensável para pensar a práxis educativa na modalidade, pois o autor enxerga o ato educativo como um ato político, de conhecimento e de transformação da realidade social.

O ponto nevrálgico da teoria freiriana reside na premissa de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1967). Para os sujeitos que frequentam o ensino noturno, marcados por jornadas exaustivas de trabalho braçal, afazeres domésticos e

ISSN: 2358-8829

cicatrizes deixadas pela exclusão social, o conhecimento escolar não pode ser depositado de forma mnemônica ou verticalizada. Freire (2001) denuncia essa vertente como educação bancária, na qual o educador atua apenas como o depositário de conteúdos abstratos e distantes da vida concreta dos educandos. Em contraposição a esse modelo opressor, a dialogicidade emerge como eixo estruturante da prática pedagógica, exigindo que o saber acadêmico do professor se estabeleça em comunhão horizontal com o saber de experiência feito dos educandos.

Essa relação dialógica não anula os papéis distintos de professores e alunos, mas os aproxima na busca irrecusável pelo conhecimento. Conforme aponta Freire em Pedagogia da Autonomia (2002), quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, o que destrói a hierarquia autoritária e instaura o verdadeiro diálogo pedagógico. Na EMEF Amaro da Costa Barros, investigada pelo discente José Carlos Pereira, essa dinâmica se materializa quando a sala de aula assume a configuração de um círculo de cultura, espaço onde as vivências dos trabalhadores, dos idosos e dos alunos com necessidades específicas ganham voz, relevância e centralidade no planejamento curricular.

A dimensão da humanização ganha relevo especial quando voltamos o olhar para as condições existenciais dos estudantes da EJA. A estrutura social vigente muitas vezes desumaniza o trabalhador através da fadiga extrema, do estresse cotidiano e da corrosão da autoestima. Diante desse cenário adverso, a escola deixa de ser apenas uma unidade administrativa de transmissão de conteúdo para se converter em um território de resistência ontológica e acolhimento terapêutico. A teoria freiriana (1992) reforça que a esperança é uma necessidade ontológica que precisa ser exercitada concretamente na prática pedagógica, mobilizando os sujeitos a superarem a opressão e a se reconhecerem como agentes ativos de sua própria história.

No que tange às especificidades do trabalho docente, o referencial freiriano dialoga diretamente com as exigências normativas e curriculares contemporâneas. A legislação brasileira, consubstanciada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), garante o direito público subjetivo à educação ao longo da vida, estabelecendo que os sistemas de ensino devem assegurar oportunidades educacionais apropriadas às características, interesses, condições de vida e de trabalho dos jovens e adultos. Para materializar esse preceito legal no cotidiano escolar de Campina Grande, a Secretaria

ISSN: 2358-8829

Municipal de Educação disponibiliza o Material de Apoio Pedagógico (Campina Grande, 2024), documento orientador que busca subsidiar a recomposição das aprendizagens.

Contudo, à luz da pedagogia crítica, um documento orientador jamais pode ser aplicado de maneira rígida ou neutra. O professor dotado de curiosidade epistemológica (Freire, 2002) é aquele que pega o material oficial e o recria, adaptando-o às demandas concretas de uma turma altamente heterogênea. Os dados do Censo Escolar (Inep, 2025) e as observações de campo revelam que essa turma congrega desde adolescentes até idosos septuagenários e educandos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), exigindo estratégias metodológicas flexíveis, como o uso de monitorias entre pares, metodologias ativas e projetos didáticos integradores.

Para com os alunos idosos, a práxis educativa requer uma sensibilidade que ultrapassa o domínio puramente cognitivo. Conforme discutido por Freire sobre o respeito à velhice e à sabedoria acumulada ao longo dos anos, o professor precisa considerar as limitações biológicas decorrentes da idade, articulando o aprendizado formal com a promoção do bem-estar físico e mental, por meio de palestras, trocas de saberes e o resgate da autoestima. Assim, fundamentado em Paulo Freire, o presente estudo corrobora a tese de que a permanência e o sucesso na EJA exigem uma práxis indissociavelmente pautada na amorosidade, no rigor científico e no compromisso ético com a transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da práxis educativa na EMEF Amaro da Costa Barros, em Campina Grande - PB, exige de nós um olhar que ultrapasse a superfície dos dados estatísticos. Ao adentrarmos o universo da sala de aula no turno da noite, encontramo-nos com a materialidade do que Paulo Freire define como a leitura do mundo que precede a leitura da palavra. A entrevista com a professora Zine, pedagoga com 34 anos de magistério, sendo três décadas dedicadas exclusivamente à alfabetização de jovens e adultos, revela as tensões de um fazer docente que se pretende libertador em um cenário de profunda vulnerabilidade.

1. O Perfil Docente e a Boniteza do Ensinar-Aprender

ISSN: 2358-8829

A trajetória da docente entrevistada é marcada por uma transição significativa: do nicho alfabetizador das creches para a complexidade da EJA. Esse percurso sedimenta uma compreensão de que o ato de ensinar não é uma transferência de pacotes de conhecimento, mas um testemunho de busca. Freire, em sua Pedagogia da Autonomia (2002), assevera que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Ao ser questionada sobre sua prática, a professora destaca a importância da horizontalidade:

A relação entre professora e alunos [...] é salutar para ambas as partes. Trabalhamos dentro do respeito à individualidade, com empatia, flexibilidade, confiança, apoio, orientação, participação ativa e aprendizagens mútuas.

Como podemos, então, perceber essa troca em uma profissional que, mesmo após 34 anos de chão de escola, ainda reconhece que o aluno também contribui para ampliação dos conhecimentos de todos, inclusive da professora? Esta fala rompe com a educação bancária e nos convoca a pensar a sala de aula como um círculo de cultura, onde o saber acadêmico da docente se funde ao saber de experiência feito dos educandos.

2. A Escola como Território de Cura e Resistência Ontológica

Um dos pontos mais sensíveis da discussão emerge quando a professora caracteriza as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos da EJA. Para os alunos de Santa Rosa, que enfrentam o cansaço do trabalho pesado e as dificuldades econômicas, o ato de estudar é um gesto de rebeldia. A docente relata que:

As maiores dificuldades do aluno EJA advêm da lida diária com afazeres domésticos, trabalho pesado, ajustes familiares, baixa autoestima... Tudo isso causa fadiga, cansaço, estresse. A escola passa a ser lugar terapêutico.

Aqui, a categoria freiriana da humanização se faz presente. Se a estrutura social desumaniza o trabalhador através do cansaço e da baixa autoestima, a escola precisa detectar e ajustar com propostas que ajudem os alunos a se sentirem úteis, funcionais e agentes de transformação. Para os idosos, especificamente, o desejo muitas vezes não é a universidade, mas a conquista da autonomia: o maior desejo seja ler e escrever de forma autônoma, querem mesmo é ter um motivo gratificante para sair de casa.

Instigamos o leitor a refletir: em uma sociedade que descarta o idoso, como a alfabetização pode servir como um instrumento de higiene mental e resgate da dignidade?

A professora Zine responde ao implementar projetos que unem nutrição, ciência e troca de vivências, reconhecendo que o corpo que aprende é um corpo que também sente as marcas do tempo e da falta de assistência básica.

3. Mediações Pedagógicas e o Material de Apoio (MAP)

A discussão sobre as estratégias de ensino revela um embate necessário entre as A discussão sobre as estratégias de ensino revela um embate necessário entre as diretrizes oficiais e a realidade local. A docente menciona o uso do Material de Apoio Pedagógico (MAP) da SEDUC, mas enfatiza que todas as estratégias sugeridas pelo MAP são adaptadas à realidade da turma vigente.

Essa adaptação é o que Freire chama de curiosidade epistemológica. Não basta seguir um manual; é preciso partir dos conhecimentos prévios dos alunos, dando oportunidade de fala e, coletivamente e/ou individualmente, transformando problematizações em soluções. A prática da professora em utilizar monitorias, onde os alunos aprendem e ensinam entre si, materializa a máxima de que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Dimensão da Prática	Evidência da Entrevista na EMEF Amaro da Costa Barros	Fundamentação Freiriana
Avaliação	Avaliações se dão sobretudo de forma integrada (métodos diversos, diagnósticos, processo e produto...)	Avaliação como acompanhamento do ser mais e não como punição.
Metodologia	Partir dos conhecimentos prévios... transformando problematizações em soluções.	Problematização e Dialogicidade.
Intergeracionalidade	Todas as faixas etárias interagem de forma salutar... Há muito respeito e participação ativa.	Ética universal do ser humano.
Vínculo Social	Noite do Cuscuz em junho; mostra literária; Páscoa e Natal em família...	Inserção crítica na cultura local.

4. A Ética do Cuidado e a Sensibilidade com o Idoso

ISSN: 2358-8829

Finalizando esta discussão, é imperativo destacar a percepção da docente sobre a velhice na EJA. Ela demonstra uma ética do cuidado ao pontuar que o professor deve ser sensível às limitações biológicas, como a memória e a tireoide, propondo uma nutrição que vai além do prato de comida, atingindo a nutrição do espírito e do intelecto. Ao dizer que as propostas devem ser sensíveis, adaptadas às experiências de vida e necessidades específicas, lúdicas, envolventes, a professora Zine nos mostra que a alfabetização de idosos é, acima de tudo, um ato de amorosidade.

O entusiasmo desses alunos, que mesmo diante do azougue (ímã) das dificuldades cotidianas persistem em frequentar a escola, confirma que a educação na EMEF Amaro da Costa Barros cumpre sua função social de transformar a cultura do silêncio em uma voz ativa e consciente na cidade de Campina Grande.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Amaro da Costa Barros evidencia que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Campina Grande não se esgota na mera escolarização tardia, configurando-se como um autêntico espaço de reexistência e resistência ontológica. A imersão no cotidiano escolar, mediada pelo diálogo com a prática docente, permitiu confrontar o arcabouço teórico com a realidade vivida no turno da noite, onde a fadiga do trabalho braçal e a vulnerabilidade social encontram contraponto na esperança e na busca por autonomia.

Os apontamentos levantados demonstram que a atuação pedagógica, inspirada nos fundamentos de Paulo Freire, consegue transmutar as barreiras cotidianas em curiosidade epistemológica. O uso adaptado do Material de Apoio Pedagógico da rede municipal e a valorização das monitorias entre pares revelam uma prática que respeita o saber de experiência feito pelos educandos. Para o aluno idoso, constatou-se que o processo de alfabetização transcende o mercado de trabalho, atuando como ferramenta essencial de higiene mental, resgate da autoestima, saúde e inserção crítica na cultura local.

Do ponto de vista da aplicação empírica para a comunidade científica, os resultados oferecem subsídios concretos para repensar a formação docente e o planejamento curricular em turmas heterogêneas que congregam jovens, adultos, idosos e educandos com Transtorno do Espectro Autista.

O trabalho aponta a urgência de novas investigações que aprofundem o debate sobre políticas públicas voltadas não apenas ao acesso, mas à permanência subjetiva e integral desses sujeitos na rede pública de ensino.

A experiência consolida a convicção de que a práxis educativa na EJA deve ser permanentemente alimentada pela amorosidade e pelo rigor metodológico. Enquanto existirem educandos dispostos a buscar o conhecimento e a superação das dificuldades no chão da escola pública, a pedagogia da libertação seguirá como bússola indispensável para a transformação social no contexto urbano paraibano..

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Paulo Freire. Ensino de EJA; Autonomia; Prática Docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

CAMPINA GRANDE. Secretaria de Educação (SEDUC). **Material de Apoio Pedagógico (MAP)**. Campina Grande: SEDUC, 2024.

CAMPINA GRANDE. SEDUC. **Material de Apoio Pedagógico (MAP)**. Rede Municipal de Ensino de Campina Grande, 2024.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

INEP. **Censo Escolar 2025**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2025.

ISSN: 2358-8829

INEP. **Censo Escolar 2025**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2025.